



KIGNEL, Luiz. *A morte tudo resolve*. São Paulo: Alameda, 2012. 358p.

Thriller jurídico e tradição judaica em *A morte tudo resolve*, de Luiz Kignel

Filipe Amaral Rocha de Menezes*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

filipearm@gmail.com

“Mors Omnia Solvit”
(Brocardo latino)

Um livro de Salmos e uma máxima em latim, tudo guardado no mais absoluto segredo dentro de um cofre, são alguns dos elementos presentes em *A morte tudo resolve*, de Luiz Kignel. A frase, em epígrafe, com sua tradução homônima ao título do livro, aparece logo nas primeiras páginas. Brocardos são princípios ou axiomas jurídicos que expressam um conceito ou regra maior, com um conteúdo didático, principalmente por resumirem em poucas palavras uma sabedoria e transpô-la para um entendimento universal.

Esses antigos ensinamentos ocorrem, ainda, no discurso de juízes, promotores e advogados, porque o Direito brasileiro se baseia no romano e, para além de um recurso retórico ou argumentativo, a utilização desses termos denota conhecimento e erudição. Assim, à sombra da morte que a tudo poderia resolver, uma trama de espionagem em indústrias e sucessão empresarial, heranças e crimes se desenrolam com a abertura de um testamento, numa trama na qual advogados se desdobram, também, para além de seus encargos, em detetives e espões.

Na história, Thomas Lengik, advogado da área cível, em uma viagem a trabalho à Argentina, conhece, no aeroporto de Ezeiza, Benjamin Stein, que também retornava ao Brasil, num avião distinto. O voo de Stein para São Paulo é, porém, cancelado, e ele viaja, coincidentemente, com Lengik, que lhe cede, gentilmente, seu assento para melhor acomodar o industrial já idoso. Benjamin Stein é sobrevivente da Shoah, tendo trabalhado duramente no Brasil, para onde imigrou após a guerra. Ele, segundo relata ao novo amigo, tornara-se um rico empresário, dono de um vasto império industrial no ramo alimentício, fato esse que despertava a inveja de muitas pessoas, devido aos grandes lucros que

* Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



obtinha. De acordo com o narrador, sobre Stein e sua empresa pousavam olhares cobiçosos, o que lhe causava grande aflição.

Após a viagem, Stein convida Lengik para um almoço, no qual mostra-se interessado no trabalho do jovem advogado. Sendo ambos judeus, eles conversam sobre o peso dessa tradição e sobre a prática religiosa. Stein mostra ao advogado o braço tatuado e dá testemunho de sua experiência como sobrevivente da Shoah. Lengik ouve, consternado, a história e a toma como uma lição de vida. Essa amizade, que se fortalece dia após dia em encontros ocasionais, acaba por fazer de Stein uma fonte de conhecimentos para Lengik que ouve relatos sobre a rica cultura hebraica e, é, com isso, estimulado a ler artigos sobre a cabala e discursos de rabinos. Além desses textos, as conversas com Stein são entremeadas por frases curiosas e citações bíblicas diversas. Após a morte de Stein, Lengik recebe, em testamento cerrado, um presente inusitado: um livro dos *Salmos*.

O intrigante texto religioso, legado pelo amigo, torna-se, na história, um guia de um labirinto misterioso que envolve a morte do industrial. Lengik irá, a seguir, percorrer os passos de Stein, procurando desvendar o enigma de sua morte suspeita. Nesse verdadeiro *thriller* jurídico, o advogado se torna um detetive, ou um advogado-detetive, pois procura não só investigar, mas também provar a culpa de um possível espião, envolvendo um gigantesco projeto criado por Stein.

Lengik compartilha o seu trabalho de detetive com o fidelíssimo advogado pessoal de Stein, o doutor Barreto, e o misterioso Caetano, antigo rábula que havia prestado variados serviços ao senhor Stein. Segundo ele, tais serviços eram necessários porque “por vezes, o cliente precisa de alguém mais destemido para resolver certos problemas.” Esses personagens, entre a lei, o crime e a contravenção, acabam por definir a narrativa como um verdadeiro romance de advogados.

É preciso, também, destacar o velho companheiro de Stein no campo de concentração, o rabino radicado em Nova York, Rebe Menachem. Ele orienta Lengik em sua busca pela resolução do mistério que envolve a morte de Stein. No entanto, em meio a tantos códigos de leis, eventualmente, os crimes continuam acontecendo, e mesmo os doutores, afiança o narrador, em “noites seguidas fora de casa, em trabalhos por vezes à margem da lei”, precisam cometer crimes para um bem maior: desvendar o mistério e encontrar os verdadeiros culpados.



Personagens curiosas são descritas, nesse jogo de gato e rato, entre culpados e inocentes: a velha secretária, também amante, do senhor Stein, a senhora Carmen; os filhos em contínua disputa, Alberto, Mário e Rubens, que estranhamente têm visões divergentes sobre a morte do pai; um ex-alto diretor da empresa, Horácio Ferrantis, que havia brigado com o patrão por uma questão pessoal; o ébrio copeiro que servia apenas a alta diretoria do Grupo Stein, o fiel Maneco, que a tudo ouvia, assim, compõem uma galeria de tipos misteriosos que, aos poucos, vão se revelando para o detetive, que assim elabora um grande quebra-cabeça. O narrador, dessa forma envolve o leitor numa história repleta de enigmas, ensinamentos jurídicos e cultura judaica.

O romance de Kignel, desse modo, desenvolve-se a partir de acontecimentos e reviravoltas em uma história na qual os papéis de investigados e de investigadores apresentam-se como reversíveis e ambíguos. Desse modo, como nos *thrillers* clássicos, destacam-se lugares e pessoas, bem detalhados, com descrições de cenas de crime e retratos psicológicos. Espaços como as dependências, a sede das empresas de Stein e os diversos restaurantes da cidade de São Paulo, por exemplo, são locais privilegiados em sua discricção para encontros que devem permanecer em sigilo. Também são importantes as descrições do velho, desgastado e minúsculo apartamento de Caetano, bem como as do escritório sem janelas e com as paredes repletas de livros de Rebe Menachem em Nova York.

Advogado, especialista em sucessão familiar, Luiz Kignel é autor de outros livros na área do Direito. Em 2017, publicou um segundo romance no qual o advogado-detetive Thomas Lengik (cujo sobrenome é um anagrama de Kignel) se envolve e investiga um crime ocorrido durante a apresentação de uma orquestra: *A morte não toca violino*.¹ O terceiro livro da trilogia está sendo escrito e será publicado com o título de *A morte nasceu para todos*.

Recebido em: 10/09/2018.

Aprovado em: 10/10/2018.

¹ KIGNEL, Luiz. *A morte não toca violino*. São Paulo: Alameda, 2017.